



GT2: CIDADANIA E CULTURA

MULHERES NEGRAS E A AQUISIÇÃO DE CAPITAL CULTURAL INSTITUCIONALIZADO NO “PARANÁ EUROPEU”

Luciane Pereira da Silva Navarro (Sociedade Cultural Amélia - Secal); Email:
lucianesilvanavarro@gmail.com

RESUMO: Paranaenses negras que chegam ao ensino superior são tema deste estudo. A pesquisa bibliográfica embasa a interpretação de depoimentos sobre a vivência escolar na pele negra. As interações e interdições que construíram a ideia de um Paraná europeu são avaliadas como mecanismos de interdições simbólicas ao acesso dos negros ao ensino e à aquisição de capital cultural institucionalizado (Bourdieu) no diploma superior. Sob a perspectiva de Bourdieu, avalia-se como possibilidade de mobilidade social mas também como perpetuadora de uma hegemonia cultural calçada numa “tradição inventada”, conforme conceituação de Hobsbawn e Ranger.

Palavras chave: escola; universidade; mulher; negra; Paraná;

1. O MITO DO PARANÁ EUROPEU

No Brasil, a inferiorização social dos escravizados remonta ao século XIX. Raimundo Nina Rodrigues escreveu em 1894 *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, onde tentou demonstrar que negros, índios e mestiços eram incapazes intelectualmente, o que explicava a inferioridade do povo brasileiro. Nina Rodrigues defendia uma imigração europeia em massa e a separação territorial entre brancos e negros, o que resultaria numa vitória da raça superior sobre a inferior (RODRIGUES, 1983). No século XX, Artur Ramos publica, em 1940, *Etnografia Religiosa*. Na obra, Ramos afirma que a cultura do negro deveria ser superada pela “verdadeira cultura” branca (RAMOS, 1940).

Em 1899, a obra *História do Paraná*, de Romário Martins, foi adotada nas escolas públicas do Estado. Na obra, o autor reconhece a contribuição dos escravos, mas os descreve como “fetichistas ao extremo”, “bruxos”, “artistas detestáveis” e “passivos” (MARTINS, 1995, p. 153), além de caracterizá-los pouco capazes de assimilar a cultura ariana. Na mesma esteira histórica, a obra *Um Brasil Diferente*, publicada em 1955 por Wilson Martins, serviu à estratégia de estabelecimento de uma hierarquia racial. O autor defendia um estado branco e negava a escravatura no Paraná (MENDONÇA, 2013).

Contra o argumento de Wilson Martins, há no Acervo Público do Paraná documentação consistente que registra a exploração da mão-de-obra negra no estado. Estudo de Horácio Gutiérrez (2004) em documentos pertencentes ao Arquivo do Estado de São Paulo registra que entre 1825 e 1826 a população escrava foi objeto de levantamento nominal nas fazendas paranaenses. Em 1780, outro levantamento da população de escravos africanos no Paraná contabilizou



12.349 brancos e 5.336 negros e mulatos (MARTINS, 1995). No século XVIII, em Paranaguá, de 3193 pessoas, 1414 eram escravos, ou seja, quase 50% da população (WESTPHALEN, 1968). Já em 1853, ano da emancipação política do Paraná, 40% da população era composta por negros. Em 1874, havia 11.249 escravos no Paraná, cerca de 8,8% da população total que era de 127.411 habitantes (PENA, 1999). “Hoje, segundo dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), eles representam 28,5%, o que confere ao Paraná a maior população negra do sul do país”. (SILVA, 2010, p. 1). No censo de 2010 realizado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2.976.844 entrevistados se autodeclararam negros. Dados da mesma pesquisa apontam que, entre os estados do Sul, Curitiba tem o maior número de negros.

A ideia de um Paraná europeu é resultante de uma invenção de tradições, no sentido estabelecido por Hobsbawn e Ranger (1994), em que as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer uma continuidade artificial com o passado histórico de modo que se “estabelecem ou legitimam instituições, status ou relação de autoridade” (HOBSBAWN; RANGER; 1994, p. 17). Durante o século XIX, os presidentes da província paranaense criaram políticas que favoreceram a imigração europeia e fomentaram a venda de escravos locais para os cafezais de São Paulo (MICHELETTO, 2017). Durante o século XX, intelectuais e governantes, elaboraram discursos e escritos amenizando e negando a escravidão: “dessa forma construindo uma identidade do paranaense como homens, brancos, de tipo burguês, civilizado, disciplinado, avesso à bagunça e à desordem (MURA, 2017).

O estudo de Micheletto, as obras de Wilson Martins, Romário Martins, Rafael Greca, entre outros não elencados aqui, permitem afirmar que “a História do Paraná [...] invisibilizou a contribuição dos negros” (RODRIGUES, 2014, p.1). Portanto, a partir da revisão histórica desenvolvida, fica claro que os dados sobre a presença marcante de afrodescendentes no Paraná contradizem o imaginário de estado europeu. Assim, pode-se afirmar que há neste conflito uma invenção de tradições, no sentido estabelecido por Hobsbawn e Ranger (1994), em que as tradições ‘inventadas’ constroem uma continuidade artificial em que se “estabelecem ou legitimam instituições, status ou relação de autoridade” de uma cultura sobre a outra (HOBSBAWN; RANGER, 1994, p. 17). A invenção de uma tradição relacionada à superioridade cultural de um povo e da invisibilização de outro diz respeito “às lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos” (BOURDIEU, 1989, p.113).

No caso de Curitiba, Meucci (1994) destaca a responsabilidade de uma eficiente campanha de *marketing* político responsável por “alguns elementos presentes no imaginário da população curitibana”. Meucci (1994) afirma que Jaime Lerner, quando foi prefeito de Curitiba, de 1989 a 1992, deu ênfase à contribuição da imigração e colonização europeia na formação da cidade. Essa perspectiva foi continuada na gestão seguinte, de 1993 a 1996, por Rafael Greca, com destaque para a produção da série de livros Lições Curitibanas entregues a alunos da primeira à quarta série do 1º grau. Os livros foram recheados de ilustrações de imigrantes europeus a história de sua chegada ao Paraná. As ilustrações são ladeadas por poesias e informações sobre a culinária típica de cada um dos povos. “De forma



clara, sempre acompanhada de imagens, estes livros vão construindo a “imagem” da cidade de Curitiba, sempre enfatizada a presença dos imigrantes europeus” (MORAES; SOUZA, 1999, p.13).

Leonardo Micheletto (2017), em estudo realizado sobre a identidade paranaense, afirma que a ideia do Paraná como estado europeu ganha mais evidência na eleição de Rafael Greca, em 2016. Greca, em gestões anteriores, publicou livros, inaugurou diversos monumentos e parques em homenagem à imigração europeia. De acordo com Micheletto (2017) o slogan “Volta Curitiba” é carregado pela mesma narrativa que tem raízes no pensamento de Wilson Martins e Nestor Vítor.

A ausência de narrativas históricas negras escritas por negros no Paraná contribui para a redução da presença negra à escravidão, isso quando ela não é negada. Assim, a

[...] fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediado pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a) [...] a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). (SPIVAK, 2010, p.14)

Mohommah G. Baquaqua, negro alfabetizado que chegou no Brasil em 1845, foi o único, entre milhões de negros escravizados, a deixar um livro de memórias. Na obra, publicada em 1854, no Haiti, ele registra sua história de dor e descreve como a escravidão o levou a duas tentativas de suicídio.

2. A ESCOLA E O CAPITAL CULTURAL

A Lei Áurea (1888) aboliu a escravidão mas desencadeou a marginalização social dos negros libertos e de seus descendentes. Florestan Fernandes (1965), diz que, a despeito da liberdade obtida, não houve indenização pelos 350 anos de escravidão e os negros ficaram sem trabalho para garantir sua subsistência. “Enquanto o imigrante europeu já estava ajustado às regras de mercado de trabalho na sociedade competitiva, o negro não dispunha de tempo para se readaptar e ainda enfrentava o estigma da cor” (IANI, 1988, p.49). Assim, a liberdade inaugurou uma nova experiência de exclusão: “Na cidade ou no campo, eles foram, em sua maioria, “marginalizados”, ficando sujeitos, por isso, juntamente com o resto da população pobre e insatisfeita, à criminalidade, à prostituição, ao alcoolismo e, daí, à rejeição social” (IANI, 1988, p.50).

A curitibana Enedina Alves Marques foi a primeira engenheira negra do Brasil. Formou-se na Faculdade de Engenharia do Paraná, em 1945. Nascida 1913, foi criada na casa da família do delegado e major, Domingos Nascimento Sobrinho, onde mãe trabalhava como empregada doméstica. Para que fizesse companhia à filha de Domingos, o major as matriculou nos mesmos colégios. “A sua formatura foi marcada [...] pelo fato de ter conseguido transpor um espaço hegemonicamente masculino e branco” (SANTANA, 2013, p.23).

Mais recentemente, a professora universitária curitibana, Diva Guimarães, 77 anos, ao relatar sua história de vida na 15ª Festa Literária Internacional de Paraty, em 28 de julho de 2017, ganhou notoriedade na mídia nacional. As palavras



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

emocionadas comoveram a plateia do evento estabeleceram uma síntese relevante para se pensar o que implica ser negro num estado tido como europeu e vislumbrar na escola o único caminho de sobrevivência social.

Eu fiquei muito emocionada que você chamou atenção de que estamos em uma plateia de maioria branca. [...] Eu sou de uma região, do sul, você já pode imaginar, do sul do Paraná [...] Ontem a palestra sobre as mães me tocou profundamente porque eu só sobrevive e sobrevivo hoje como brasileira porque tive uma mãe uma mãe que fez de tudo, que passou por todo tipo de humilhação para que nós estudássemos [...]. Fui para um colégio interno aos cinco anos. [...] Passavam as freiras [...] pelas cidades recolhendo as crianças como se fosse assim... Em troca de você ir para essa escola para estudar, na verdade a gente foi para trabalhar. **Eu trabalhei duro desde os cinco anos. Sou neta de escravos. Aparentemente a gente teve uma libertação que não existe até hoje.**[...]

A influência da figura materna na construção da ideia de que a saída para a condição de subjugação racial estaria na escola, na educação, está presente no depoimento Diva Guimarães. Contudo, é também no espaço escolar católico, que ocorrem os fatos mais marcantes da descoberta do ambiente racista sendo uma criança negra.

As freiras contavam a seguinte história: que Deus [...] criou um rio e mandou todos tomar banho [...] as pessoas que são brancas é porque eram trabalhadoras, inteligentes [...] tomaram banho [...] nós como negros preguiçosos chegamos no final quando todos tinham tomado banho. O rio só tinha lama [...] então nós temos a palma da mão clara e a sola dos pés porque nós só conseguimos tocar a mãos e os pés [...] isso ela explicava [...] para contar para os brancos como a gente era preguiçoso [...] Eu sou uma sobrevivente pela educação, pela luta da minha mãe [...] eu falei que não ia mais para a escola [...] ela dizia com gesto [...] olha bem para a mãe, olhou? [...] se você quiser ser como a mãe não vá para a escola [...] só tem um jeito, vai estudar [...] eu sou grata à minha mãe.

Stephanie Gama, 25 anos, fala do racismo em Curitiba:

Curitiba esconde muito seu passado escravagista. E é como se não houvesse pretos no Sul. Como se não houvesse escravidão aqui. [...] Toda criança preta, quando sofre muito racismo [...] quando eu entrei na faculdade, por cotas e aí sim eu percebi eu sou preta e eu tenho que representar um povo. (LANAVE, 2016)

Eligeane Graciano, graduada em Letras Português/Inglês, também relata que a ideia do negro como incapaz intelectualmente ainda é presente:

[...] Eu me matriculei uma vez num curso de inglês e no primeiro dia a dona da escola olhou para mim e disse: 'Mas você tem cabeça boa para aprender inglês? Olha porque tem que decorar muitas palavras...'. [...] hoje sou formada em Letras Português/Inglês e estou aí. Tem gente que ainda acha o negro inferior, que o nosso cérebro é diferente e que ele não vai conseguir fazer nada. São antigas ideias que precisam cair por terra, todos somos capazes de tudo!. (LANAVE, 2016)



Os depoimentos, extraídos do portal Vice¹ e do Youtube² revelam e confirmam que as negras sentem na pele o racismo e sua presença no meio acadêmico é tímida e reveladora de uma tradição inventada, que resulta na invisibilização na história e interdições do acesso ao espaço acadêmico.

A distribuição do capital cultural institucionalizado (Bourdieu), através de um diploma, é uma oportunidade que chega muito mais aos brancos do que aos negros quando se considera que:

A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 1999, p.72)

Diferentes formas de domínio e interdição resultam no fato de que “na idade que deveriam estar na faculdade, 53,2% dos negros ainda estão cursando nível fundamental ou médio” (VIEIRA, 2016). Assim, quando deveriam estar ingressando no ensino superior, estudantes negros, aqueles que persistem, ainda estão em níveis inferiores. “De acordo com o IBGE, a dificuldade de acesso dos estudantes negros ao diploma universitário reflete o atraso escolar, maior neste grupo do que no de alunos brancos” (VIEIRA, 2016).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos, nota-se que a realidade está alinhada à afirmação de Bourdieu em que ao contrário da idealização da escola como libertadora e promotora de mobilidade social, é preciso considerar que “o sistema escolar [...] tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais [...]. (BOURDIEU, 1999, p. 41). Ao falar da escola como chance de acesso aos instrumentos institucionalizados de ascensão social, Bourdieu assevera que:

Somos levados, então, a reconhecer a rigidez extrema de uma ordem social que autoriza as classes mais favorecidas a monopolizar a utilização da instituição escolar, detentora, como diz Max Weber, do monopólio da manipulação dos bens culturais e dos signos de salvação cultural. (BOURDIEU, 1999, p.64)

O prejuízo que o Brasil causou à população afrodescendente não abrange somente o período da escravatura mas vai muito além ao interditar o acesso do negro ao trabalho, à escola e, em última instância, à cidadania. Portanto, a dívida histórica da escravatura está longe de ser quitada justamente por conta da

¹ Os depoimentos de Eligeane Graciano e Stephanie Gama foram extraídos de entrevista concedida ao portal vice.com, conforme descrito nas referências deste trabalho

² O depoimento da professora Diva Guimarães foi obtido a partir do vídeo publicado no Youtube no canal Faremos Palmares de Novo, a partir do link <https://www.youtube.com/watch?v=pKEg7DhGFbo>



subjugação e inferiorização social que ainda hoje é enfrentada por mulheres afrodescendentes, especialmente no espaço escolar e no ambiente acadêmico.

A exemplo do que foi explicitado anteriormente, quando as estratégias de dominação e invisibilização se legitimam na publicação de livros de história utilizados em escolas, a construção de uma hegemonia cultural se estabelece através de um aparato oficial, que confere ao espaço escolar uma função ambígua: é considerada pelos oprimidos como caminho para a ascensão social e é tomada pela cultura dominante como instrumento de preservação do capital simbólico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989, p. 113.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2^o edição. pp. 71-79.

HOBBSBAWN, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LANAVE, Isabella. **Como se sentem as mulheres negras numa capital em que o Dia da Consciência Negra não é feriado? 2016**. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/4xgeg9/mulheres-negras-curitiba-consciencia-negra. Acessado em 02/08/2017

IANI, O. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessia dos Editores (Coleção Farol do Saber), 1995.

MENDONÇA, J. M. N. **Fontes Para A História Da Escravidão No Paraná**. 6^o Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Universidade Federal de Santa Catarina, maio de 2013.

MEUCCI, S. 1994. **Jogo eleitoral e identificação**: a análise do caso Greca. Monografia de graduação. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná.

MICHELETO, Leonardo David. **A construção do Paraná “Europeu”**. Revista Nep - Núcleo De Estudos Paranaenses. Curitiba, v.3, n.1, p. 64-75, maio 2017.

MORAES, R. B; SOUZA, M. G. **Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 13, p. 7-16, nov. 1999



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017

PENA, E. S. **O Jogo da Face: a astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba provincial.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p.29.

SANTANA, J. L. **Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013

VIEIRA, I. **Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos.** Agência Brasil, 2016. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>. Acessado em 20/08/2017

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WESTPHALEN, Cecília M. **Pequena História do Paraná.** Curitiba, Melhoramentos, 1968.